

Arquivos e fontes primárias do século XIX no extremo sul brasileiro

Prof. Dr. Artur Emilio Alarcon Vaz¹ (FURG)

Resumo:

Essa comunicação pretende expor sobre algumas reflexões sobre o cânone sul-riograndense realizadas a partir das mais diversas fontes primárias encontradas, tais como os periódicos e as primeiras edições de livros publicados nessa região, além de manuscritos sobre alguns nomes que atuaram nessa região gaúcha.

Palavras-chave: literatura sul-riograndense, periodismo, fontes primárias, sistema literário.

Desde a *História literária do Rio Grande do Sul* de João Pinto da Silva (1924), que a literatura do Rio Grande do Sul vem sendo canonizada por um seleto grupo de críticos – Guilhermino César (1956), Regina Zilberman (1980), entre outros – que se dedicou a realizar as histórias literárias do Rio Grande do Sul. No entanto, o *corpus* que esses historiadores da literatura vêm analisando constitui-se em geral dos mesmos autores dos últimos cem anos, exceto pela inclusão dos que começaram a escrever ao longo do século XX.

Assim, na formação do sistema literário gaúcho, tanto os primeiros autores, como os autores do período em que o sistema literário já estava consolidado através da Sociedade Partenon Literário permaneceram praticamente os mesmos. Exceções feitas ao romance *A divina pastora*, de Caldre e Fião, encontrado pelo livreiro pelotense Adão Fernando Monquelat, e à obra teatral de Qorpo-Santo. Mesmo o reconhecimento de que Maria Clemência da Silveira Sampaio era gaúcha e que, portanto, deveria ser considerada a primeira poeta gaúcha a publicar ainda é pouco divulgada¹.

Para endossar essa linha de autores canônicos, valiam os argumentos apresentados por

¹ Para maiores detalhes, ver a obra *Uma voz ao sul*, organizada por Maria Eunice Moreira.

Guilhermino César:

antes do aparecimento do 'Partenon' fora desordenada a atividade literária (...) tudo quanto se fizera carregava o vício insanável das improvisações, o pouco sumo dos frutos imaturos. E a prosa de ficção, muito mais exigente, contava apenas dois ou três autores. Pálidas tentativas, aqui e ali, de memorialistas canhestros, algumas notas sobre assuntos econômicos, vagas incursões pela ciência, e nada mais. O romance era *avis rara*. E, com ele, a disciplina do escritor, a autocrítica, todas as qualidades e requisitos impostos por literaturas que se pretendam emancipadas (CÉSAR, 1971, p. 173).

Autores e obras pouco citados ou detalhados nas análises dessas histórias literárias ficaram esquecidos em bibliotecas e arquivos não só gaúchos, mas também em outros estados, principalmente no Rio de Janeiro, no acervo da Biblioteca Nacional.

Regina Zilberman, por exemplo, após uma introdução geral, inicia sua história literária pela poesia no Partenon Literário, argumentando que “o verso, de modo geral, gozou até o início do século XX” de mais prestígio em relação à prosa, inclusive pela “maior facilidade de divulgação” (ZILBERMAN, 1992, p. 11). Esse recorte temporal e de gênero exclui a prosa que formou o início da literatura sul-rio-grandense. Mais adiante, ao comentar sobre o regionalismo em Simões Lopes Neto, é que a autora cita o romance *O corsário*, de Caldre e Fião, e o drama *O monarca das coxilhas*, de César de Lacerda. A citação de novelas e romances anteriores ao Partenon restringe-se, assim, ao quadro cronológico incluído ao final do volume.

Igualmente, temas que interessavam diretamente a algumas cidades do interior gaúcho foram deixados de lado, como os primeiros romances e romancistas de polos culturais do século XIX, tais como Rio Grande e Pelotas, ou algo sobre os primeiros livros publicados em tipografias nessas cidades. Nem esses sistemas literários, nem as pesquisas com um foco mais detalhado respondiam sobre temas mais locais ou sobre a formação do sistema literário sul-rio-grandense. Guilhermino

César reconhece a importância das cidades do interior, argumentando que “Porto Alegre não centralizava então a vida literária. Nela, como em Rio Grande, Pelotas, Bagé e outras cidades menores, os ficcionistas realizaram-se artisticamente sem maiores contatos uns com os outros” (1971, p. 309). No entanto, o contato com as fontes primárias mostram a grande circulação dos primeiros jornais e revistas literárias, tanto dentro do Rio Grande do Sul, como em outros estados brasileiros.

Foi com o intuito de responder a essas e outras questões que nasceram, em 2006, os projetos “Dicionário de autores do Rio Grande no século XIX” e “Formação e consolidação do sistema literário em Rio Grande”, ambos coordenados por mim e pelo professor Mauro Nicola Póvoas, do Instituto de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), para investigar como se formou o hùmus dessa literatura no sul do Rio Grande do Sul.

Assim, um dos primeiros resultados foi a dissertação de mestrado *O alvorecer do Naturalismo na prosa do Rio Grande do Sul: Paulo Marques e Vênus ou o dinheiro*, de Reinaldo Araújo de Moura, que recuperou e analisou o romance *Vênus ou o dinheiro*, publicado em 1881 em Pelotas por Paulo Marques (1857-1884) inicialmente em folhetim e, em 1888, em livro, com várias modificações – já que era uma edição póstuma – feitas por Francisco de Paula Pires.

Na mesma época, foram feitas pesquisas sobre a obra de Julieta de Melo Monteiro pela então graduanda Maria Christina Pereira Minasi, que localizou – na Diocese de Rio Grande² – o registro de batismo da autora na data de 27 de maio de 1860, indicando que Julieta nascera em Rio Grande em 21 de outubro de 1855. Localizou também o registro de casamento, denominado de “Autos Matrimoniais”, de 21 de outubro de 1876, data em que a autora completava 21 anos. Esses dois documentos modificaram os dados biográficos habitualmente indicados nas histórias literárias – como a de César (1971, p. 292) – de que Julieta nascera em 21 de outubro de 1863 em Porto Alegre.

Tal sistemática, no entanto, dificultava a troca de dados entre os pesquisadores, já que cada um

² DIOCESE de Rio Grande. *Livro de Batismos* n. 16 (14 fev. 1858 a 8 maio 1863); folha 56 verso. O artigo completo pode ser visualizado no site www.fontes.furg.br.

estudava uma época distinta³. Assim, em 2009, estabeleceu-se que as pesquisas se ocupariam da etapa inicial da literatura local, buscando os primeiros autores que formaram o início do sistema literário na região.

O primeiro ponto foi a pesquisa da poesia no jornal *O Noticiador*, realizada por Ana Cristina Matias enfocando o tipógrafo, livreiro, poeta e também político Francisco Xavier Ferreira, redescobrimo autores e a importância desse nome na cultura local, já que seu jornal serve como fonte de informações únicas atualmente.

Um dos primeiros pontos da presença de textos em prosa impressos na região sul foram os folhetins europeus publicados após o fim da Revolução Farroupilha. Exemplo disso é o folhetim “História dum ladrão”, o primeiro publicado em Rio Grande⁴, em 8 de novembro de 1845, no jornal *Rio Grandense*. Embora muitas desses folhetins sejam os mesmos publicados em jornais de outras províncias brasileiras, algumas são de autores locais e/ou sem nenhuma identificação atual, tais como “A mulher”, de Furtado Coelho, publicado no jornal *Novo Rio Grandense*, em 1858, e do folhetim *Um tipo de mulher*, de Jorge de Andrade, publicado no *Diário do Rio Grande*, em 1878.

É desse período também a publicação de peças escritas e representadas na cidade, como as peças teatrais de José Manoel Rego Viana, que publicou o drama *Os jesuítas ou O bastardo d’el Rey*, em 1848, e de Manoel José da Silva Bastos, autor de *O castelo castelo de Oppenheim ou O tribunal secreto*, drama publicado em 1849. Igualmente são, do final dessa década, os primeiros livros publicados em prelos pelotenses, ainda que não sejam de ficção, tal como *Exposição dos elementos d’Arithmetica*, de 1849, Typ. de L. J. de Campos, conforme pesquisa exposta na dissertação de mestrado de Simone Xavier Moreira, também integrante do projeto.

Tradicionalmente (Mário Osório Magalhães, 1993, p. 247), divulga-se que o primeiro livro pelotense seria o *Resumo de História Universal*, de Koseritz (Typ. de Luís José de Campos, 1856), “composto para uso dos estabelecimentos de instrução secundária da província de São Pedro”, no

³ Ainda caberiam citar, na área da poesia, a pesquisa feita por Emilene Rodrigues sobre Clarinda da Costa Siqueira.

⁴ Conforme pesquisa realizada pelas então graduandas e integrantes do grupo de pesquisa Rosana Tejada Flores e

qual diz que “os progenitores do gênero humano [são] Adão e Eva. Seus filhos são Caim e Abel” (1856, p. 6). Koseritz também escreveu nessa época dramas para serem apresentados no teatro local, como *Inês*, *Nini* e *Clara*, todos sem exemplares conhecidos atualmente⁵.

Pelo ineditismo, as histórias literárias dedicaram páginas para análises de obras como *A divina pastora* e *O corsário*, ambas de Caldre e Fião, mas o mesmo não ocorreu com outros textos em prosa publicados nas décadas de 1850 e 1860, anteriores portanto à *Revista Mensal do Partenon Literário*, como a novela *Um defunto ressuscitado*, de Carlos Jansen, publicada em 1856 n’*O Guaíba* e, reeditado em 1974, por Dante Laytano.

Em 1858, o pelotense Carlos Eugênio Fontana publicou *O homem maldito*, na tipografia do jornal *Eco do Sul*, romance analisado na dissertação de mestrado de Sheila Fernandez Garcia, então integrante do grupo de pesquisa. Guilhermino César comentou brevemente essa obra, ora elogiando-a, como em “Mais próxima da verdade e com um fio romanesco mais perfeito” (1971, p. 310), ora criticando-a, como em “Recursos como esse, de evidente mau gosto, desfiguram as boas intenções de Carlos Fontana, sacrificando a verossimilhança em muitos trechos do romance” (p. 311).

No entanto, o que mais se destaca foram os traços atribuídos ao antagonista José Luiz, chamado de “proscrito social” e “bandoleiro” e o “marginalismo social em que vive, repudiado por todos”, aspectos inexistentes na obra, já que José Luiz ascendeu socialmente – através de ações criticadas pelo narrador em terceira pessoa.

José Luiz é chamado pelo crítico o de “sedutor de mulheres” e “Lovelace fronteiriço”, aspectos menores na obra, pois seduziu apenas Heloísa antes de casar-se – por interesses financeiros – com outra. Guilhermino César confundiu também a morte do filho de Heloísa com José Luiz com a morte, num incêndio, do filho do segundo casamento de José Luiz, ao final do romance. No breve resumo, o autor mineiro apontou que o filho de Heloísa morreu incendiado por causa das palavras

Andrea da Silveira Estima e disponível em www.fontes.furg.br.

⁵ O poema “Monólogo”, de Clarinda da Costa Siqueira, consta como tendo sido recitado na "noite de 6 de outubro de

do avô, que havia amaldiçoado a descendência de José Luiz. Fica então a dúvida se Guilhermino César teve acesso à obra ou redigiu o resumo a partir de uma fonte secundária, tal como ocorreu com *Vênus ou o dinheiro*⁶.

O ano de 1858 foi profícuo para a prosa gaúcha, com a publicação das novelas *A donzela de Veneza* e *A véspera da batalha*, ambas de Koseritz. Da primeira, obtivemos uma fotocópia de um exemplar, provavelmente oriundo de alguma biblioteca particular, que atualmente está passando pelo processo de digitação e atualização ortográfica para ser publicado pelo Instituto Estadual do Livro do RS. *A donzela de Veneza* – “único de seus [Koseritz] trabalhos de ficcionista que conseguimos obter” (1970, p. 310) – é citada por Guilhermino César como um ‘romance individualista’ (1970, p. 307) em oposição ao *Mãe de Ouro*, de Vitor Valpério, publicado em 1873, exemplo de uma obra regionalista.

As voltas narrativas de Koseritz, o ambiente europeu e a qualidade técnica do narrador demonstra que a novela foi uma experiência inicial do imigrante alemão, que se destacaria no RS ao longo das décadas seguintes pela prosa ficcional e pelos artigos jornalísticos.

Já na década de 1860, ocorreu a publicação de *A quebra do juramento*, de Florêncio de Abreu e Silva, e de *Um drama no mar*, também de Koseritz, este publicado inicialmente em folhetim [entre 11 de outubro e 4 de novembro] de 1862 no jornal rio-grandino *Eco do Sul* com autoria atribuída ao pseudônimo X. Y. Z e, no ano seguinte, em livro, já atribuída ao Koseritz.

Através de buscas na Biblioteca Rio-Grandense, encontrou-se um exemplar de uma novela homônima, sem capa e, portanto, sem indicação de autor, data ou local de publicação, mas, no entanto, com texto igual ao folhetim publicado no *Eco do Sul* em 1862. A autoria dos textos é, portanto, atribuída a Carlos de Koseritz por dois motivos: por ser o autor um dos colaboradores do jornal *Eco do Sul* e, principalmente, por um anúncio publicado no mesmo jornal em 18 de abril de 1863, divulgando a venda da novela de mesmo título e com autoria do jornalista.

1858, no Teatro Sete de Abril, desta cidade, por ocasião da 1ª apresentação do drama *Inês*" (SIQUEIRA, 1881, p. 94).

⁶ Após as análises desses dois romances, Guilhermino César já aponta autores e obras do período após 1870, quando já

A novela *Laura, também um perfil de mulher* foi publicada em Rio Grande no ano de 1875 e reeditada em Porto Alegre no ano de 1887. Assim como a anterior, essa obra vinha sendo considerada desaparecida pela crítica, mas foram encontrados, em nossas pesquisas, dois exemplares: um volume da primeira edição na Biblioteca Rio-Grandense e outro volume da segunda edição na Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica – PUC (Porto Alegre-RS), exemplar recebido em doação após a morte de Júlio Petersen (1918-2002).⁷

O volume encontrado na Biblioteca Rio-Grandense conseguiu permanecer distante dos pesquisadores nas últimas décadas por não estar catalogado, já que estava encadernado ao final de um livro didático (*Compêndio de Geografia*, de Thibaut), sendo encontrado nas pesquisas sobre os livros publicados na cidade de Rio Grande. Oberacker Jr. classifica a novela como uma “novela naturalista” (1961, p. 27), enquanto Carneiro define-a como “tipo *Viuvinha e Cinco minutos* de Alencar” (1959, p. 13).

Assim, em alguns anos de pesquisa, vários livros e jornais já serviram de exemplo para demonstrar que há muitos arquivos, bibliotecas e fontes de material preservado que pode modificar a história da literatura do Rio Grande do Sul.

Há, no acervo do Arquivo Público do Rio Grande do Sul, alguns processos judiciais de que Koseritz tomou parte como vítima, no ano de 1860 na cidade de Pelotas e que foram ainda parcamente estudados pelos integrantes do projeto⁷. Percebe-se assim ainda que há outras dezenas de revistas e almanaques ainda adormecidas, a espera de serem resgatadas e colocadas a luz do olhar acadêmico contemporâneo.

No final da década, a Sociedade Partenon Literário e sua *Revista Mensal* começaram a estabelecer o ciclo da literatura regionalista, também chamada de gauchesca, criando os primeiros elos mais fortes entre produtor e leitor, fato que marcaria o início efetivo da literatura no Rio

havia o Partenon Literário, grupo que solidificou a literatura em terras sul-rio-grandenses.

⁷ Koseritz chegou a processar o jornal *O Noticiador* pelo crime de injúrias impressas e, em consequência disso, o jornal *O Brado do Sul* foi intimado a apresentar o editor responsável, que fosse brasileiro, como exigia a lei. Domingos José de Almeida contratou um testa de ferro, que não foi aceito por duas vezes pelas autoridades locais, motivando-o a assumir a responsabilidade pela redação do jornal.

Grande do Sul, nos moldes apontados por Antonio Candido e por Itamar Even-Zohar.

Ainda antes da década de 1870, firmaram-se também os primeiros autores rio-grandinos ainda hoje canonizados na literatura sul-rio-grandense: em 1868, Rita Barém de Mello publicou – pela tipografia do *Eco do Sul – Sorrisos e prantos*, e, em 1869, Bernardo Taveira Júnior publicou – pela tipografia da *Árcádia*, em Rio Grande – *Poesias Americanas*. Com esses livros, a literatura de Rio Grande e região consolidou-se, iniciando outra etapa cultural local.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. 5ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1975.

CESAR, Guilhermino. *História da Literatura do Rio Grande do Sul (1773-1902)*. Porto Alegre: Globo, 1956.

CESAR, Guilhermino. *História da Literatura do Rio Grande do Sul (1773-1902)*. 2ª ed. Porto Alegre: Globo, 1971.

CESAR, Guilhermino. Introdução. *O corsário*. 4ª ed. Porto Alegre: Movimento/ IEL, 1979, p. 5-32.

EVEN-ZOHAR, Itamar. El “Sistema Literário”. Disponível em: www.tau.ac.il/~itamarez/works/papers/trabajos/EZ-sistema_literario.pdf. Acesso em: 19 jul. 2012.

GARCIA, Sheila Fernandez. *O homem maldito de Carlos Eugênio Fontana: o início do romance sul-rio-grandense*. 2012. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Instituto de Letras e Artes. Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Rio Grande, RS, 2012.

HESSEL, Lothar F. *O Partenon Literário e sua obra*. Porto Alegre: Flama IEL, 1976.

MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS/IEL, 1978.

MINASI, Maria Christina Pereira. Julieta de Melo Monteiro e o sistema literário rio-grandino no século XIX. *Enlaces*. Rio Grande n° 3: 43-51, 2006. Disponível em: www.fontes.furg.br. Acesso em: 19 jun. 2012.

MOREIRA, Maria Eunice. *Uma voz ao sul: os versos de Maria Clemência da Silveira Sampaio*.

Florianópolis: Mulheres, 2003.

MOURA, Reinaldo Araújo de. *O alvorecer do Naturalismo na prosa do Rio Grande do Sul: Paulo Marques e Vênus ou o dinheiro*. 2009. 228 p. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Instituto de Letras e Artes. Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Rio Grande, RS, 2009.

SILVA, João Pinto da. *História literária do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1924.

VAZ, Artur Emilio Alarcon. Formação do sistema literário no extremo sul do Brasil: o início da imprensa em Rio Grande. *Cadernos Literários*. v. 15: 11-17. Rio Grande: FURG, 2008. Disponível em: www.fontes.furg.br. Acesso em: 19 jun. 2012.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. 3ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

ZILBERMAN, Regina; MOREIRA, Maria Eunice; ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de (org).

Pequeno dicionário de literatura do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Novo Século, 1999.

i Artur Emilio Alarcon VAZ, Prof. Dr.
Universidade Federal do Rio Grande (FURG)
Instituto de Letras e Artes
arturvaz@furg.br